



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volume 69
2017

ENCONTRO
LISBOA RIBEIRINHA MEDIEVAL E MODERNA
— DADOS ARQUEOLÓGICOS

LISBOA “SEMPRE” RIBEIRINHA. *EPISÓDIO 2*

Jacinta Bugalhão

Direção-Geral do Património Cultural / UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / CEAACP – Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património / jacintabugalhao@gmail.com

Dedicado a Maria Luísa Blot,
que acreditava sempre, logo nunca desistiu

Resumo

Este texto, de homenagem a Maria Luísa Blot, constitui uma versão actualizada do artigo homónimo publicado na revista *al-Madan*, em 2005. Procedeu-se a um balanço das descobertas arqueológicas ocorridas na frente ribeirinha de Lisboa, para os períodos romano, medieval, moderno e contemporâneo, nomeadamente, estruturas e contextos portuários, estruturas navais e naufrágios, depósitos e aterros.

Palavras-chave: Lisboa, Frente ribeirinha, Estruturas portuárias, Restos navais.

Abstract

This text, in honor of Maria Luísa Blot, is an updated version of the homonymous article published in the *al-Madan* magazine, in 2005. It intends to be the current status of the archaeological discoveries occurred in the Lisbon riverside front, for the Roman, Medieval, Modern and Contemporary periods, namely port structures and contexts, naval structures and shipwrecks, deposits and landfills.

Keywords: Lisbon, Riverside front, Port structures, Naval remains.

Em Julho de 2005, há 13 anos atrás, publiquei no n.º 13 da II Série da revista *Al-Madan*, na rubrica “A descoberta” que aí mantive durante alguns saudosos anos, o artigo *Lisboa “sempre” Ribeirinha* (Bugalhão, 2005). Por motivos puramente subjectivos, e apesar de singeleza do trabalho, são poucos os trabalhos que já publiquei que me deram mais gosto escrever e que me proporcionam mais orgulho “ vaidoso”. Talvez por isso, e com a nossa saudosa colega e amiga Maria Luísa Blot que tanto estudo dedicou às cidades portuárias (Blot, 2003 e 2014; Blot e Henriques, 2011) no pensamento e no coração, que me atrevo, entre o *remake* e a *sequela*, a escrever uma segunda versão do mesmo.

A descoberta de contextos arqueológicos portuários na frente ribeirinha de Lisboa não encerra nada de raro ou inesperado. Pelo contrário, é esperada e recorrente e destas características advém a sua relevância e interesse. Lisboa e o próprio país inscrevem grande parte da sua identidade colectiva na relação que desenvolveram com o exterior, através do *Grande Mar Oceano*. Para nós “o mar cumpriu-se”, e cumpriu-se em grande parte em Lisboa. Esta mitificação do nosso desígnio histórico colectivo assenta, em grande parte, na realidade histórica que se vem construindo para os diversos períodos, nos quais o carácter atlântico e marginal (relativamente ao continente europeu) do território é muito valorizado, assumindo particular importância na compreensão do passado.

Lisboa é vista como a capital marítima, sempre mais virada para o mar do que para terra, sendo esta particularidade o seu elemento identitário fundamental. Saliente-se que é o Tejo, na embocadura do seu estuário, e não o Atlântico, que bordeja a cidade. Assim, seria de esperar que, no campo patrimonial e arqueológico, a cidade possuísse abundantes referências a elementos concretos que espelhassem esta realidade, ao longo da história. Estruturas portuárias, relacionadas com a navegação, com a pesca, com a construção naval, com a utilização e fruição quotidiana do rio, etc, de todas as épocas e fases, deveriam povoar o conhecimento arqueológico sobre Lisboa. Hoje assim é, de facto. Para

além das abundantes referências toponímicas, dos dados cartográficos e iconográficos, das abundantes informações documentais e dos poucos monumentos de que a Torre de Belém é o melhor e quase único exemplo, conhecem-se hoje (13 anos após a publicação do *Lisboa, sempre, ribeirinha*) numerosas, diversificadas e extraordinárias referências arqueológicas.

Actualmente, nas intervenções arqueológicas preventivas urbanas, procura-se conceder mais atenção às zonas de frente de rio da cidade que foram sofrendo sucessivos assoreamentos e aterros (ambos essencialmente de natureza antrópica) e anulando os numerosos esteiros e outros cursos de água que nele desaguavam. Numa primeira fase, no início dos anos 90, essencialmente decorrentes da expansão da rede do Metro, ocorreram as primeiras grandes descobertas restos navais, com a recuperação de embarcações no Cais do Sodré e no Largo do Corpo Santo. Já no final da década de 90 e no início do novo século, procurou-se de forma cada vez mais sistemática, implementar medidas de salvaguarda arqueológica nas obras com impacto ao nível do subsolo nestas áreas urbanas, para as quais o PDM de então não impunha quaisquer condicionamentos arqueológicos. Com a revisão do PDM em 2012, extensões consideráveis da faixa ribeirinha da cidade foram incluídas no novo Nível 3 para o qual é requerida a avaliação dos projectos na sua componente arqueológica de forma a impor as estratégias de salvaguarda adequadas.

Após mais de 20 anos de arqueologia preventiva na frente ribeirinha de Lisboa, os resultados falam por si. De forma não exaustiva, podem referir-se mais de 30 contextos portuários, restos navais e depósitos fluviais antrópicos numa diacronia de, pelo menos 2100 anos. Estão, desta forma demonstradas a importância e eficácia da definição de estratégias de salvaguarda claras na gestão do património e as mais valias deste tipo de achados para o conhecimento do passado. Não obstante, subsistem e até se avolumaram problemas específicos de intervenções em meio húmido, ao nível científico, técnico, financeiro e logístico.

1. OS CONTEXTOS¹

O estudo geoarqueológico da margem do Tejo e sua evolução tem conhecido avanços consideráveis com base no estudo de amostras recolhidas nas intervenções na frente ribeirinha de Lisboa. Este trabalho tem sido desenvolvido pelo projecto *Lisbon Stories*, que se distingue pela colaboração de investigadores de várias áreas do conhecimento: geologia, geografia e arqueologia (Almeida et al., 2009; Costa et al., 2016; Costa et al., 2017; Inácio et al., 2016).

O conhecimento dos contextos portuários de *Olisipo* romana também gozou de considerável desenvolvimento nos últimos anos. Para além do criptopórtico (CNS 6083) que poderá, entre outras funções, ter embasado uma estrutura portuária, o contexto mais significativo é o fundeadouro/desembar-

cadouro romano da Praça D. Luís I (CNS 32983), no qual se conservam restos de descartes portuários e uma peça naval coeva (Parreira e Macedo, 2013; Parreira e Macedo, 2016; Sarrazola, 2014). Muito relevantes para o estudo da cidade romana são os depósitos fluviais da mesma época (Cais do Sodré, CNS 11462; Largo do Corpo Santo, CNS 16681; Avenida Ribeira das Naus – Pátio da Marinha, CNS 36225; Praça do Município, CNS 11381; Terreiro do Paço/Praça do Comércio, CNS 19383; Santos, CNS 26443; Largo do Chafariz de Dentro, CNS 30148; Banco de Portugal, CNS 31018; Sede Corporativa da EDP, CNS 36613) que ilustram o perfil de consumo da cidade e o seu comércio (Marques et al., 1997; Marques e Santos, 2000; Muralha e Leitão, 1998; Quaresma et al., 2017; Rocha et al., 2013; Santos, 2015; Santos e Marques, 2002; Silva, 2012; Vale e Marques, 1999).



Figura 1 – Contextos portuários de época romana.

Para o período medieval os achados têm sido mais escassos. Ainda assim, salienta-se a identificação da muralha dionisina no Banco de Portugal (CNS 31018), eventualmente relacionada com as tercenas medievais de Lisboa (Silva e Rocha, 2016) e os depósitos fluviais medievais-islâmicos que lhe subjazem. Na Praça do Município (CNS 11381) foram identificadas estruturas portuárias e restos navais tardo-medievais (Muralha e Leitão, 1998; Blot, 2014).

¹ Para além da bibliografia citada, consultar por CNS o *Endovélco, Sistema de Informação e Gestão arqueológica*, disponível em <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/>

Mas é na época moderna que os vestígios portuários de Lisboa alcançam maior quantidade e espectacularidade. Foram identificados vestígios de estruturas portuárias de variada tipologia (cais, fundações em estacaria, tercenas, rampas navais, muralhas fluviais, etc) junto ao núcleo antigo da cidade no Terreiro do Paço (CNS 19383; Blot, 2014; Neves et al., 2012; Neves, 2014; Neves et al., 2014), na margem que se estende para Nascente: Campo das Cebolas (CNS 24424; Simão et al., 2017; Fonseca et al., 2017), Largo do Chafariz de Dentro (CNS 30148; Silva et al., 2012); e na margem que se es-



Figura 2 – Contextos portuários de época medieval.

tende para Poente: Cais do Sodré (CNS 11462), Mercado da Ribeira (CNS 20848), Praça D. Luís I (CNS 32983; Bettencourt et al., 2017; Blot, 2014; Sarrazola, 2013a; Sarrazola, 2013b; Sarrazola, 2014a; Sarrazola et al., 2013a; Sarrazola et al., 2013b; Sarrazola et al., 2014), Calçada Marquês de Abrantes (CNS 36644), Hospital CUF Tejo (CNS 37496), Largo Vitorino Damásio (CNS 35897; Santos, 2006; Blot e Henriques, 2011; Blot, 2014), Santos (CNS 26443), Largo de Santos (CNS 31074), Centro de Artes e Tecnologia da EDP (CNS 35004; Sarrazola, et al., 2015), Centro Cultural de Belém (CNS 36839; Amaro, 1989) e Restelo (CNS 24358).

Os achados de restos navais de época moderna em Lisboa revolucionaram o conhecimento sobre os navios de tradição ibero-atlântica. Podem referir-se os achados: Cais do Sodré (CNS 11462; Rodrigues e Vale, 2000; Rodrigues, et al., 2001), Largo do

Corpo Santo (CNS 16681; Rodrigues e Vale, 2000; Alves et al., 2001); Praça do Município (CNS 11381; Alves et al., 2001), Santa Apolónia (CNS 22664), Largo do Chafariz de Dentro (CNS 30148), Praça D. Luís I (CNS 32983; Bettencourt et al., 2017; Sarrazola, 2013a; Sarrazola, 2014a; Sarrazola et al., 2013a; Sarrazola et al., 2013b; Sarrazola et al., 2014), Rua do Arsenal (CNS 33743), Largo Vitorino Damásio (CNS 35897; Santos, 2006; Blot e Henriques, 2011; Blot, 2014), Sede Corporativa da EDP (CNS 36613; Bettencourt et al., 2014; Fonseca et al., 2016; Sarrazola, 2013a; Sarrazola, 2013b; Sarrazola, 2014a; Sarrazola et al., 2013a; Sarrazola et al., 2013b; Sarrazola et al., 2014).

Em 1755 ocorre o Terramoto em Lisboa. Deste episódio registaram-se vestígios do *tsunami* no Novo Museu dos Coches (CNS 37497; Pereira et al., 2014).



Figura 3 – Contextos portuários de época moderna.

São também abundantes os vestígios portuários construídos depois de 1755. Registam-se em: Centro Cultural de Belém (CNS 36839; Amaro, 1989), Dique da Ribeira das Naus (CNS 13684; Fernandes, 1994; Marques et al., 1997; Marques e Santos, 2000; Nascimento, 2012; Neves, 2013; Santos e Marques, 2002; Trindade e Diogo, 1998), Terreiro do Paço (CNS 19383; Blot, 2014; Neves et al., 2012; Neves, 2014; Neves et al., 2014), Antiga FIL (CNS 16200), Avenida 24 de Julho (CNS 30530; Blot, 2014), Cais da Lingueta (CNS 16432), Av. Infante D. Henrique (CNS 16978), Santa Apolónia (CNS 22664), Rua de Cascais-Alcântara (CNS 20509; Blot, 2014), Largo Vitorino Damásio (CNS 35897; Santos, 2006; Blot e Henriques, 2011; Blot, 2014), Restelo (CNS 24358), Agência Europeia de

Segurança Marítima (CNS 30668), Rua Cais de Santarém (CNS 34865), Novo Museu dos Coches (CNS 37497), Sede Corporativa da EDP (CNS 36613; Bettencourt et al., 2014; Fonseca et al., 2016; Sarrazola, 2013a; Sarrazola, 2013b; Sarrazola, 2014a; Sarrazola et al., 2013a; Sarrazola et al., 2013b; Sarrazola et al., 2014), Campo das Cebolas (CNS 24424; Simão et al., 2017; Fonseca et al., 2017), Centro de Artes e Tecnologia da EDP (CNS 35004; Sarrazola, et al., 2015), Boqueirão do Duro (CNS 36630) e Hospital CUF Tejo (CNS 37496).

Aos contextos portuários juntam-se alguns elementos navais também de época contemporânea, como os recuperados no Campo das Cebolas (CNS 24424; Simão et al., 2017; Fonseca et al., 2017) e no Hospital CUF Tejo (CNS 37496).



Figura 4 – Contextos portuários posteriores ao terremoto e tsunami de 1755.

Os exemplos apresentados ilustram bem a necessidade de prosseguir e consolidar uma estratégia de salvaguarda arqueológica sistemática na frente ribeirinha de Lisboa. É igualmente necessário melhorar os procedimentos licenciamento, tanto ao nível municipal, como ao nível da tutela sobre os bens classificados, para que sejam previamente impostas as condicionantes adequadas.

O conhecimento crescente sobre as realidades patrimoniais preservadas no subsolo alagadiço desta faixa urbana devem igualmente contribuir para precisar e melhor planear os pressupostos teóricos e os procedimentos metodológicos de intervenção e os

meios técnicos e humanos adequados². Por exemplo, a grande extensão e volume dos contextos a intervir, a presença constante do nível freático, a conservação excepcional de estruturas, artefactos e ecofactos em matéria orgânica e as necessidades

² Tema do o “Encontro sobre Boas Práticas em Arqueologia de meios húmidos” realizado pela Comissão de Arqueologia Profissional da Associação dos Arqueólogos Portugueses, em Lisboa, no dia 6 de Junho de 2018. Na sequência deste Encontro a Comissão de Arqueologia Profissional constituiu um grupo de trabalho (integrando profissionais de reconhecida competência e experiência neste tipo de projectos) para elaboração de um documento de recomendações de boas-práticas em arqueologia de meios húmidos.

específicas de conservação destes bens implicam abordagens diferenciadas, teóricas e metodológicas. Estas dificuldades estendem-se à convivência entre a Arqueologia e a Obra (Sarrazola, 2017). As especificidades técnicas da construção em meio húmido dificultam a já difícil concertação de ritmos e métodos entre as duas actividades, impondo aos envolvidos um esforço adicional de colaboração.

Como foi referido, a presença da água permite, em condições excepcionais, a conservação de vestígios orgânicos, quer ecofactos (tão relevantes para o conhecimento do paleoambiente, economia e hábitos alimentares antigos), quer de artefactos (em osso, madeira, fibras vegetais, couro etc). Preserva igualmente em condições ideais estruturas construídas e restos de arquitectura naval (embarcações), em madeira. Por outro lado, estes contextos são especialmente importantes para o estudo da evolução da paisagem e do ambiente (veja-se o já referido projecto *Lisbon Stories*). Assim, é imperativo que as equipas de arqueologia integrem especialistas em arqueologia naval e subaquática, arqueologia portuária, paleociências (geoarqueologia, arqueobotânica e arqueozoologia, etc) e conservação e restauro. É também essencial o recurso à colaboração com unidades de investigação com trabalho nestas temáticas, de forma a potenciar devidamente todo o manancial informativo dos vestígios arqueológicos em presença.

A natureza, especificidade e volume da informação e espólio recolhido nestas intervenções são um factor de exigência acrescida para os processos de investigação subsequentes. É ainda mais difícil nestes casos garantir condições adequadas e financiamento para o estudo e publicação. Outro factor crítico reside na gestão do espólio. Se a situação dos espólios provenientes de trabalhos arqueológicos em meio terrestre é muitíssimo problemática, para o espólio proveniente de meios húmidos é ainda mais complexa, devido ao seu extraordinário volume, em alguns casos grande dimensão, mas principalmente devido às necessidades específicas da sua conservação preventiva. Esta situação vê-se em muito agravada com a incapacidade de respos-

ta do Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática da Direcção-Geral do Património Cultural, único laboratório de conservação e restauro e reserva especializados no tratamento e depósito provisório deste tipo de espólio (Bugalhão, 2018).

Trata-se portanto de um caminho exigente e difícil de trilhar, mas que já demonstrou suficientemente os seus méritos aos poderes instituídos (administração central e local), promotores de obras e Arqueólogos e a toda a sociedade.

Junho de 2018

BIBLIOGRAFIA

AMARO, Clementino (1989) – Quinta Real da Praia e zona portuária de Belém. Centro Cultural de Belém. In *Concurso para o projecto*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, pp. 129-134.

ALMEIDA, Isabel Moitinho, ANDRADE, César, FREITAS, Maria Conceição, MORENO, João, CABRAL, Maria Cristina, CRAVELRO, Sandra, MARQUES, Fernando (2009 – Holocene paleoenvironmental evolution of the Lisbon downtown area as recorded in the Esteiro da Baixa sediments – first results. *Journal of Coastal Research*. SI 56, pp. 574-578.

ALVES, F.; RIETH, E.; RODRIGUES, P. (2001) – The Remains of a 14th century shipwreck at Corpo Santo, and of a shipyard at Praça do Município, Lisbon, Portugal. In ALVES, F., ed. – *Proceedings. International Symposium on Archaeology of Medieval and Modern Ships of Iberian-Atlantic Tradition. Hull remains, manuscripts and ethnographic sources: a comparative approach*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, (Trabalhos de Arqueologia; 18), pp. 405-426.

BETTENCOURT, José; CARVALHO, Patrícia; COELHO, Inês; FONSECA, Cristóvão; LOPES, Gonçalo; SILVA, Tiago (2017) – Navios de época Moderna em Lisboa: balanço e perspectivas de investigação. In CAESSA Ana; NOZES, Cristina; CAMEIRA, Isabel; SILVA, Rodrigo Banha da, coords. – *I Encontro do Centro de Arqueologia de Lisboa. Uma cidade em escavação*. Lisboa: CAL/ Câmara Municipal de Lisboa, pp. 479-495.

BLOT, Maria Luísa (2003) – *Os portos na origem dos centros urbanos: Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal* (Trabalhos de Arqueologia, 28). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

BLOT, Maria Luísa de B.H. Pinheiro (2014) – Arqueologia do meio aquático e a problemática portuária em arqueologia do meio húmido: Um elo de ligação entre dois territórios de investigação.

In MARTINS, Adolfo Silveira, ed., *O Tempo Resgatado ao Mar*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 75-92.

BLOT, Maria Luísa Pinheiro; HENRIQUES, Rui (2011) – Arqueologia urbana e arqueologia do meio aquático. A problemática portuária como ‘ponte’ entre dois territórios de investigação. In BICHO, Nuno Ferreira, ed., *História, Teoria e Método da Arqueologia. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol. 14 (Promontoria Monográfica, 14). Faro: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, pp. 127-140.

BUGALHÃO, Jacinta (2005) – Lisboa “Sempre” Ribeirinha. *Al-madan*, 13, II Série. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 151-154.

BUGALHÃO, Jacinta (2018) – A arqueologia náutica e subaquática em Portugal: passado, presente e futuro. *Anuário do Património (2016-2018)*, 3. Lisboa: Canto Redondo, pp. 176-183.

COSTA, Ana Maria, FREITAS, Maria Conceição, INÁCIO, Miguel, FATELA, Francisco, LOPES, Vera, ANDRADE, César, CACHÃO, Mário, MENDES, Patrícia Marques, SARRAZOLA, Alexandre, MACEDO, Marta, BETTENCOURT, José, CARVALHO, Rui, FREITAS, Teresa (2016) – Single Events and century-scale evolution of the northern margin of the Tagus river multidisciplinary approach to a natural and anthropic sediment record. *Estudos do Quaternário*, 14, pp. 92-104.

COSTA, Ana Maria; FREITAS, Maria Conceição; LOPES, Vera, ANDRADE, César; BUGALHÃO, Jacinta; BARROS, Pedro (2017) – Reconstrução paleoambiental da margem Norte do rio Tejo através da análise multiproxy de sedimentos recolhidos em contexto de obra com achados arqueológicos. In José Morais Arnaud e Andrea Martins (coord.) – *Arqueologia em Portugal / 2017 – Estado da Questão*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 765-780.

FERNANDES, Lúcia (1994) – Alguns dados acerca do Dique da Ribeira das Naus. *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. 1. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 253-259.

FONSECA, Cristóvão; BETTENCOURT, José; BRAZÃO, Alexandre; CHOUZENOUX, Christelle; PINTO, Marco; SILVA, Tiago; CARVALHO, Patrícia; COELHO, Inês; FREIRE, Jorge (2016) – Boa Vista 1 and Boa Vista 2: first data on two Early Modern ships discovered in Lisbon (Portugal). In NEGUERELA MARTÍNEZ, Iván; CASTILLO BELINCHÓN, Rocío; RECIO SÁNCHEZ, Patricia, coord. – *IKUWA V. Proceedings of the 5th International Congress on Underwater Archaeology – A heritage for mankind*. Cartagena: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, pp. 957-967.

FONSECA, Cristóvão; MIGUEZ, João; BETTENCOURT, José; QUILHÓ, Teresa; SIMÃO, Inês; MATEUS, Mariana; FREITAS, Teresa (2017) – Portas de madeira reutilizadas em cofragens de

época pombalina (Campo das Cebolas, Lisboa). In José Morais Arnaud e Andrea Martins (coord.) – *Arqueologia em Portugal / 2017 – Estado da Questão*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1873-1889.

INÁCIO, M., COSTA, A. M., FREITAS, M. C., FATELA, F., LOPES, V., ANDRADE, C., CACHÃO, M. (2016) – Evolução da margem estuarina do Tejo a escala multiseccular. *VI Congresso Jovens Investigadores em Geociências*, LEG 2016, pp. 26-29.

MARQUES, João; SABROSA, Armando; SANTOS, Vítor (1997) – Estrato romano da Avenida Ribeira das Naus (Lisboa). *Al-madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2ª Série, n.º 6, pp. 166-167.

MARQUES, João; SANTOS, Vítor (2000) – Acompanhamento das Obras do Metropolitano de Lisboa: Intervenção Arqueológica na Avenida da Ribeira das Naus. In *Actas do 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (20-23 de Fevereiro de 1997)*. Almada: Câmara Municipal de Almada, Divisão de Museus. (col. Monografias – Arqueologia), pp. 165-176.

MURALHA, João; LEITÃO, Manuela (1998) – *Relatório Final da Intervenção Arqueológica da Praça do Município (Lisboa) 1996-1997*. Lisboa: Museu da Cidade (policopiado). Arquivo da Arqueologia Portuguesa, DGPC, Processo S – 11381.

NASCIMENTO, Rui (2012) – Ribeira das Naus hoje: a perene relação de Lisboa com o Tejo. Dos estaleiros navais do Renascimento ao antigo Arsenal da Marinha. Subsídios da arqueologia. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José António (eds.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna* (Arqueoarte, 1). Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores, Vol. 2, pp. 627-632.

NEVES, César Augusto (2013) – Novos Dados Acerca do Dique da Ribeira das Naus (Lisboa): vestígios identificados em acompanhamento arqueológico. *Al-Madan Online*. IIª Série. 18. Tomo 1 (Julho), pp. 99-109.

NEVES, César; MARTINS, Andrea; LOPES, Gonçalo; BLOT, Maria Luísa (2012) – Do Terreiro do Paço à Praça do Comércio (Lisboa): identificação de vestígios arqueológicos de natureza portuária num subsolo urbano. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José António, eds. – *Velhos e novos mundos: estudos de arqueologia moderna* (Arqueoarte, 1). Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores, Vol. 2, pp. 613-626.

NEVES, César Augusto (2014) – Identificação de uma estrutura portuária no Terreiro do Paço (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção Geral do Património Cultural. 17, pp. 263-272.

- NEVES, César; MARTINS, Andrea; LOPES, Gonçalo (2014) – Lisboa pré-pombalina: vestígios do Terreiro do Paço no subsolo da Praça do Comércio. *Rossio. Estudos de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Gabinete de Estudos Olisiponenses. 3, pp. 52-65.
- PARREIRA, Jorge; MACEDO, Marta (2013b) – O fundeadouro romano da Praça D. Luís I, ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César (coord.) – *Arqueologia em Portugal 150 anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 747-754.
- PARREIRA, Jorge; MACEDO, Marta (2016) – Lusitanian Amphorae and Transport Coarse from the Roman Anchorage of Praça D. Luís I (Portugal). In PINTO, Inês Vaz; ALMEIDA, Rui; MARTIN, Archer, eds. – *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution*. Exeter: Archaeopress (col. Roman and Late Antique Mediterranean Pottery, 10), pp. 167-171.
- PEREIRA, Ana Ramos; GOMES, João Araújo; TRINDADE, Jorge (2014) – Vestígios do tsunami de 1755 na zona de Belém ou o que esconde o novo Museu dos Coches. *Rossio. Estudos de Lisboa*, 3. Lisboa: Câmara Municipal / Gabinete de Estudos Olisiponenses, pp. 102-107.
- QUARESMA, José Carlos; SILVA, Rodrigo Banha da; BETTENCOURT, José; FONSECA, Cristóvão; SARRAZOLA, Alexandre; CARVALHO, Rui (2017) – As ânforas romanas da nova sede da EDP (Lisboa). In José Morais Arnaud e Andrea Martins (coord.) – *Arqueologia em Portugal / 2017 – Estado da Questão*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1305-1315.
- ROCHA, Artur (2015) – *A muralha de D. Dinis e a cidade de Lisboa: fragmentos arqueológicos e evolução histórica*. Lisboa: Banco de Portugal. Museu do Dinheiro, 2015, 59 p.
- ROCHA, Artur; REPRESAS, Jéssica; MIGUEZ, João; CORREIA, Joana (2013) – Edifício Sede do Banco de Portugal em Lisboa. Um primeiro balanço dos trabalhos arqueológicos. In ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds. – *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1011-1018.
- RODRIGUES, Paulo J. P.; VALE, Ana (2000) – Os navios de Lisboa. 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular, *Actas, Vol. 8, "Terrenos" da Arqueologia da península Ibérica*. Porto: ADECAP, pp. 453-459.
- RODRIGUES, P.; ALVES, F.; RIETH, E.; CASTRO, F. (2001) – L'épave d'un navire de la deuxième moitié du XV^{ème} siècle / début du XVI^{ème} siècle, trouvée au Cais do Sodré (Lisbonne). Note préliminaire. In ALVES, F., ed. – *Proceedings. International Symposium on Archaeology of Medieval and Modern Ships of Iberian-Atlantic Tradition. Hull remains, manuscripts and ethnographic sources: a comparative approach*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, Trabalhos de Arqueologia, 18, pp. 347-380.
- SANTOS, Ana dos (2015) – *A Terra Sigillata e a cerâmica de cozinha africana do Edifício Sede do Banco de Portugal (Lisboa)* (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SANTOS, Maria João Arez (2006) – Largo Vitorino Damásio (Santos-o-Velho, Lisboa) Contributo para a história da zona ribeirinha de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9: 2, pp. 369-399.
- SANTOS, Victor; MARQUES, João (2002) – Acompanhamento das obras do metropolitano de Lisboa: Intervenção arqueológica na Avenida da Ribeira das Naus. 3.º Encontro de Arqueologia Urbana – *Actas*, Almada: Câmara Municipal de Almada, pp. 165-176.
- SARRAZOLA, Alexandre (2013a) – Orla ribeirinha de Lisboa: contextos náuticos de Época Moderna (recentes descobertas), ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César (coord.) – *Arqueologia em Portugal 150 anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 1193-1196.
- SARRAZOLA, Alexandre (2013b) – A grande tempestade de 19 de novembro de 1724. Subsídio para uma abordagem narrativa. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9, pp. 83-88.
- SARRAZOLA, Alexandre (2014a) – A Grade de Maré da Praça D. Luís I: subsídios para o conhecimento histórico da Lisboa Ribeirinha em Época Moderna. *Rossio: Estudos de Lisboa*, 3, pp. 46-51.
- SARRAZOLA, Alexandre (2014b) – O fundeadouro romano da actual Praça D. Luís I (Séculos I a.C. / VI d.C.). *Rossio: Estudos de Lisboa*, 3, pp. 34-46.
- SARRAZOLA, Alexandre (2017) – Acompanhamento arqueológico em Lisboa – lei, des(ordem) e procrastinação. In José Morais Arnaud e Andrea Martins (coord.) – *Arqueologia em Portugal / 2017 – Estado da Questão*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 249-257.
- SARRAZOLA, Alexandre; BETTENCOURT, José António; ALVES DE FREITAS, Teresa; TEIXEIRA, André; MACEDO, Marta Lacasta; PARREIRA, Jorge; NASCIMENTO, Rui; GARCIA, Catarina; FONSECA, Cristóvão; LOPES, Gonçalo; COELHO, Inês; FREIRE, Jorge; CARVALHO, Patrícia; SILVA, Tiago (2013a) – "Notícia dos últimos achados arqueológicos na zona ribeirinha de Lisboa. Evidências de uma vocação marítima milenar": *Al-Madan*, II^a série, n.º 18, pp. 171-172.
- SARRAZOLA, Alexandre; BETTENCOURT, José; TEIXEIRA, André, (2013b) – Lisboa Ribeirinha: evidências arqueológicas de uma vocação marítima milenar. *Revista Património*, 1. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural, pp. 142-146.
- SARRAZOLA, Alexandre; BETTENCOURT, José; TEIXEIRA, A. (2014) – Lisboa, o Tejo e a Expansão Portuguesa: os mais recentes

achados arqueológicos da Lisboa Ribeirinha. In *O Tempo Resgatado ao Mar. Catálogo da Exposição*. Lisboa: Imprensa-Nacional Casa da Moeda e Museu Nacional de Arqueologia, pp. 111-116.

SARRAZOLA, Alexandre; PONCE, Mónica; FREITAS, Teresa; MACEDO, Marta, 2015 – A rampa dos escaleres à Real Cordoaria, Belém, Junqueira (SÉCULO XVIII). *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 10, pp. 77-82. http://www.nia-era.org/publicacoes/cat_view/1-revista-apontamentos/19-apontamentos-10-2015.

SILVA, Rodrigo Banha da; MIRANDA, Pedro; VIEIRA, Vasco Noronha; VICENTE, António Moreira; LOPES, Gonçalo; NOZES, Cristina (2012) – Largo do Chafariz de Dentro: Alfama em época moderna. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna 1* (Arquearte, 1). Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 71-84.

SILVA, Manuel Fialho; ROCHA, Artur Jorge Ferreira (2016) – A génese da Judiaria Pequena de Lisboa no século XIV. *Lisboa Medieval. Gentes, espaços e poderes* (Colecção estudos, 15). Lisboa: IEM, pp. 223-240.

SIMÃO, Inês; MIGUEZ, João; MACEDO, Marta; FREITAS, Teresa Alves de; FONSECA, Cristóvão; BETTENCOURT, José, 2017 – Da Ribeira Velha ao Campo das Cebolas. alguns dados sobre a evolução da frente ribeirinha de lisboa. In José Morais Arnaud e Andrea Martins (coord.) – *Arqueologia em Portugal / 2017 – Estado da Questão*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1901-1913.

TRINDADE, Laura; DIOGO, António Dias, 1998 – Uma notícia sobre o Dique de Ribeira das Naus. *Olisipo*, II Série, 10 (Outubro), pp. 96-100.

VALE, Ana; MARQUES, João António, 1999 – Escavações arqueológicas no Largo do Corpo Santo (Lisboa): estruturas do Palácio Corte-Real. *II Colóquio Temático Lisboa Ribeirinha. Actas das Sessões*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 123-131.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863–2019

www.arqueologos.pt